



Estados Unidos confirmam o envio de caças para a Ucrânia, mas não revelam o tipo nem a origem das aeronaves

Poderio aéreo reforçado

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de vários apelos do presidente Volodymyr Zelensky, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos confirmou, no fim da tarde de ontem, que a Força Aérea da Ucrânia recebeu caças, sem, no entanto, revelar a origem, a quantidade e o tipo das aeronaves. “Sem entrar em detalhes sobre o que outros países enviaram, eu diria que (os ucranianos) receberam aeronaves adicionais e peças de reposição para aumentar sua frota. Hoje, eles têm mais caças à sua disposição do que há duas semanas”, declarou o porta-voz do Pentágono, John Kirby. Segundo Kirby, os EUA facilitaram o envio de peças de reposição.

O governo de Joe Biden tenta se distanciar da imagem de um país beligerante. Kiev pedia aos aliados ocidentais os caças Mig-29 que seus militares sabem pilotar e que um punhado de países do Leste Europeu possuem. O anúncio de Kirby coincide com a intensificação da campanha aérea russa em Donbass, região do leste da Ucrânia parcialmente controlada por separatistas pró-Moscou.

Durante a madrugada de ontem, as tropas russas realizaram mais de 1.200 bombardeios no Donbass. Kremmina, cidade de 18 mil habitantes situada 560km a sudeste de Kiev, foi a primeira capturada pelas forças de Vladimir Putin. O jornal britânico *The Guardian* informou, ao citar uma autoridade europeia, que 20 mil mercenários da Síria, da Líbia e de outros países foram enviados

ao leste ucraniano como uma espécie de reforço de infantaria, sem carros blindados nem equipamentos pesados. O Ministério da Defesa da Rússia deu novo ultimato às tropas ucranianas entinchadas na siderúrgica Azovstal, o último foco de resistência na estratégica cidade portuária de Mariupol (sudeste). O novo prazo vence hoje, às 8h (hora de Brasília).

O britânico Frank Ledwidge, estrategista militar da Universidade de Portsmouth (Reino Unido), não descarta a possibilidade de os norte-americanos terem enviado kits de aeronaves para os ucranianos. “Podem ser peças de reposição para colocar em operação alguns caças inativos da Ucrânia e para reparar aeronaves danificadas. É um desdobramento muito importante, pois isso equivale a dar a Kiev os caças”, explicou ao *Correio*, por e-mail.

Entre segunda e terça-feira, cinco voos procedentes dos Estados Unidos chegaram às fronteiras da Ucrânia com carregamentos de armas para serem entregues a entregues ao Exército de Zelensky. Há exatamente uma semana, Biden tinha anunciado uma ajuda militar de US\$ 800 milhões (cerca de R\$ 3,7 bilhões) para a Ucrânia.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), Olexy Haran lembra que os ucranianos têm solicitado o repasse de aviões de guerra desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro. “É uma decisão muito importante, que ocorre quando os russos começaram uma ofensiva em larga escala em Donbass. Análises militares creem que os combates no leste se assemelharão

Sergei Supinsky/AFP



Ucraniana chora sobre caixão do marido, durante funeral em cemitério de Irpin, a 21km de Kiev

às batalhas da Segunda Guerra Mundial, com tanques, caças e artilharia de longo alcance.”

Para Haran, a Rússia fracassou durante a primeira fase da guerra, ao tentar capturar grandes cidades ucranianas, incluindo a capital, Kiev. “Agora, os russos se concentram no Donbass e em alguns pontos do sul do país. O que fazem é tentar minar a infraestrutura crítica e a indústria bélica da Ucrânia, a fim de reduzir a capacidade de resistência dos ucranianos”, disse. Ele vê uma tentativa de intimidação também contra o Ocidente, uma estratégia para interromper o envio de suprimentos.

Destruição

O professor de vôlei Igor Pinchuk, 29 anos, retornou a Irpin duas semanas atrás, depois de ficar fora de sua cidade natal por quase um mês. Encontrou 73% das construções destruídas. “Irpin fica a apenas 10km de Kiev. A cidade está arruinada, há casas carbonizadas e corpos de civis enterrados no meio da rua. Pessoas foram sepultadas em parques”, contou ao *Correio*. Ele afirmou que muitos países têm enviado diferentes armamentos para a Ucrânia e não demonstrou entusiasmo com o reforço dos caças. “É uma pena que os

Estados que compõem a Otan tenham demorado tanto para tomar decisões assim. Nós pagamos um preço alto demais. Agora, precisamos fechar o espaço aéreo e repelir os ataques do inimigo sobre o Donbass”, disse.

Pinchuk enviou vídeos e fotos à reportagem, em que era possível ver prédios rasgados ao meio, carcaças de carros e de tanques, e pedaços de corpos. “Não há mais bombardeios em Irpin, graças às nossas forças armadas, que expulsaram os russos. Agora, estamos reconstruindo a infraestrutura e consertando as pontes. O suprimento de água e de eletricidade foi restabelecido em alguns locais.”

Depoimento

“Não desejo isso para ninguém”

Anna Volodymyrivna Lytvchenko

Arquivo pessoal



“Eu vivia em Mykhailivka, vilarejo perto de Zaporizhzhya (sul). Estivemos sob ocupação russa. Quando houve batalhas no meu vilarejo, meus pais e eu nos abrigamos em esconderijos para salvarmos nossas vidas. Os bombardeios e as explosões eram aterrorizantes. Temi pelos nossos militares. Não queria nenhum deles morto, pois protegiam a minha família. É difícil ver como as pessoas se sentem sob bombardeio. É uma situação que não desejo a ninguém. Quando meu vilarejo foi ocupado, ficamos sem proteção. A única coisa que poderia me assustar seriam os ecos ao longe das rajadas de artilharia. Quando cessavam por um momento, tinha o desejo de voltar a ouvi-las. Quanto mais próximas as explosões, mais perto o fim da ocupação.”

A vida sob ocupação russa é diferente, a depender da cidade. Em alguns locais, tudo é calmo. Em outros, os russos matam e estupram. Moradores de meu vilarejo eram capturados e levados para locais desconhecidos. Alguns sofreram espancamentos e tortura. Outros foram executados. O prefeito foi sequestrado. Ativistas que levavam ajuda humanitária também sumiram.”

Estudante, 18 anos, vivia em Mykhailivka (sul) e está refugiada em Khmelnytskyi (centro-leste), a 652km. Depoimento ao *Correio*.

ORIENTE MÉDIO

Entrevista / DANIEL ZONSHINE | EMBAIXADOR DE ISRAEL

“Precisamos fazer algo para prevenir a violência”

Mestre em estudos de Defesa pela Universidade de Haifa e arqueólogo pela Universidade de Bar Ilan, Daniel Zonshine é fluente em hebraico e inglês, além de falar português. Em agosto do ano passado, ele assumiu o cargo de embaixador de Israel no Brasil. Em meio ao recrudescimento da violência no Oriente Médio, com a interceptação de um foguete disparado pelo movimento fundamentalista islâmico Hamas em direção a Israel e bombardeios israelenses à Faixa de Gaza, o *Correio* entrevistou o diplomata. Zonshine explicou que o governo do primeiro-ministro Naftali Bennett não tem interesse em uma longa ofensiva contra o enclave palestino. Ao mesmo tempo, ele avaliou as operações em Gaza como uma “resposta militar focada e localizada” a atentados que provocaram mortes de civis em Tel Aviv. Desde 22 de março, 14 israelenses morreram nos ataques, enquanto 23 palestinos foram mortos em incidentes ou operações israelenses na Cisjordânia. O embaixador Zonshine também admitiu que a Esplanada das Mesquitas, na Cidade Velha de Jerusalém, é uma área

“muito sensível e frágil” e que as forças de segurança israelenses atuam de modo equilibrado para prevenir a violência. “Algumas dezenas de jovens tentaram quebrar o silêncio e o clima pacífico em um local e em um momento bastante sensíveis”, afirmou, ao se referir aos distúrbios registrados na sexta-feira passada e no último domingo, em que mais de 170 pessoas ficaram feridas. Ontem, no primeiro ataque aéreo em meses, Israel alvejou um suposto depósito de armas do Hamas.

Como o senhor avalia a operação militar na Faixa de Gaza?

É uma resposta militar bastante focada e localizada, concentrada em alvos militares, aos ataques das últimas semanas. Ao longo do último mês, tivemos atentados mortíferos. Os cidadãos israelenses sentem-se estressados com essa situação. Então, a nossa operação na Faixa de Gaza é uma abordagem de segurança compreensiva para evitar que ataques voltem a ocorrer.

Existe a intenção de prolongar com esses bombardeios no território palestino?

Embaixada de Israel



Não temos nenhum interesse em um amplo engajamento em áreas palestinas. Não queremos deteriorar a situação em Gaza. É um equilíbrio fino. Temos que manter calma a situação em Gaza e, ao mesmo tempo, reagir a lançamentos de foguetes palestinos. A nossa intenção é não criar danos colaterais. Não

queremos e nem vamos agir em direção a uma longa campanha na Faixa de Gaza. Este não é o objetivo.

Além da ação militar, como é possível prevenir atentados, como os que ocorreram em Tel Aviv?

É muito difícil esse trabalho de prevenção. Precisa ser algo

interno, algo que encoraje esses indivíduos a não realizarem ataques contra Israel. As mídias sociais têm inspirado a violência e estimulado palestinos a matarem israelenses. Estamos trabalhando para prevenir e desencorajar esses atentados. Temos uma coordenação com o governo palestino para a coordenação de segurança. A intenção é manter a região tranquila e as pessoas vivendo pacificamente. Os extremistas têm buscado violar isso. O governo palestino tem estado sob pressão de seu próprio povo. E governos fazem o melhor pelo seu povo.

De que forma o senhor vê os incidentes dos últimos dias na Esplanada das Mesquitas?

Algumas dezenas de jovens tentaram quebrar o silêncio e o clima pacífico em um local e em um momento bastante sensíveis. O Monte do Templo é um local muito sensível. Eles usaram essa sensibilidade para alcançar metas políticas e impedir as pessoas de cumprirem com seus deveres religiosos. Foi uma provocação. O Monte do Templo é uma área muito frágil e sensível.

Mas uma operação militar na Esplanada das Mesquitas não

pode surtir efeito contrário e abastecer o ódio e a revolta?

Nós precisamos decidir o que é a prioridade. Por um lado, evitar a violência e não inflamá-la. Por outro lado, precisamos fazer algo para preveni-la. Trata-se de um equilíbrio muito delicado. Determinar qual o nível de força será usada em tais operações. Até mesmo pequenas coisas podem ganhar proporções gigantescas por motivações políticas. Não existe nenhuma razão para infligir o ódio. Além disso, a Mesquita de Al-Aqsa não está fisicamente em perigo.

O senhor gostaria de acrescentar algo sobre a situação no Oriente Médio?

O Oriente Médio está diferente de oito anos atrás. Hoje, temos 90 voos semanais de Israel para Dubai, Abu Dabi e Marrocos. A região está mudando. Nem tudo no Oriente Médio depende da questão palestina. Esse tipo de abertura é algo que temos encorajado. Esse tipo de cooperação com as nações árabes. O que temos visto nos últimos dois anos é um exemplo do que podemos fazer em termos de cooperação regional. (Rodrigo Craveiro)